

Infâncias afrofuturistas, cabelo crespo e sankofa: a estética como estratégia de resistência ¹

Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro^{1*} 

¹ Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil.

*Autor de correspondência: maylla.chaveiro@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir acerca da valorização dos cabelos crespos em crianças enquanto resistência estético-política a partir das relações entre os conceitos de infância, afrofuturismo, cabelo crespo e sankofa. O artigo se fundamenta epistemologicamente em algumas perspectivas teóricas interdisciplinares e afrocêntricas; e a metodologia se baseou na observação participante em marchas e encontros de valorização da estética negra entre 2014 e 2019 em nove capitais do Brasil. Com base neste arcabouço teórico-metodológico, a infância foi situada como ponto de partida para se pensar as relações étnico-raciais em diáspora, a fim de vislumbrar novas produções epistemológicas, estéticas e políticas que se distanciem das elaborações subjetivas coloniais. Abrindo caminhos e possibilidades, reconectar-se com o passado sustentado por memórias, histórias e estéticas da cultura africana é também ter a condição de alterar o futuro. Sendo assim, este pensamento pode conduzir à construção de possíveis roteiros para reparação social e convergência de práticas alicerçadas por valores e sentidos estéticos africanos.

ABSTRACT

The purpose of this article is to reflect on the appreciation of curly hair in children as an aesthetic-political resistance based on the relationships between the concepts of childhood, afrofuturism, curly hair and sankofa. The article is epistemologically based on some interdisciplinary and Afro-centered theoretical perspectives; and the methodology was based on participant observation in marches and meetings to value black aesthetics between 2014 and 2019 in nine Brazilian capitals. Based on this theoretical-methodological framework, childhood was situated as a starting point for thinking about ethnic-racial relations in the diaspora, in order to envision new epistemological, aesthetic and political productions that distance themselves from colonial subjective elaborations. Opening paths and possibilities, reconnecting with the past supported by memories, stories and aesthetics of African culture is also having the condition to change the future. Therefore, this thought can lead to the construction of possible routes for social reparation and convergence of practices based on African aesthetic values and meanings.

RESUMEN

El propósito de este artículo es reflexionar sobre la valoración del cabello rizado en los niños como una resistencia estético-política a partir de las relaciones entre los conceptos de infancia, afrofuturismo, cabello rizado y sankofa. El artículo se fundamenta epistemológicamente en algunas perspectivas teóricas interdisciplinarias y afrocéntricas; y la metodología se basó en la observación participante en marchas y encuentros para valorar la estética negra entre 2014 y 2019 en nueve capitales brasileñas. A partir de este marco teórico-metodológico, se situó la infancia como punto de partida para pensar las relaciones étnico-raciales en la diáspora, con el fin de vislumbrar nuevas producciones epistemológicas, estéticas y políticas que se distancian de las elaboraciones subjetivas coloniales. Abrir caminos y posibilidades, reconectar con el pasado apoyado en memorias, historias y estéticas de la cultura africana es también tener la condición de cambiar el futuro. Por lo tanto, este pensamiento puede conducir a la construcción de posibles rutas de reparación social y convergencia de prácticas basadas en valores y significados estéticos africanos.

PALAVRAS-CHAVE:

Afrofuturismo
Cabelo crespo
Infância

KEYWORDS:

Afrofuturism
Childhood
Curly hair

PALABRAS-CLAVE:

Afrofuturismo
Infancia
Pelo rizado

SUBMETIDO: 30 de março de 2023 | **ACEITO:** 24 de abril de 2023 | **PUBLICADO:** 30 de abril de 2023

© ODEERE 2022. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Este artigo é parte da tese de doutorado intitulada "Cabelos Crespos em Movimento(s): Infância e Relações Étnico-Raciais, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. A pesquisa para confecção deste artigo foi financiada CAPES nos anos de 2016 a 2020.

Introdução

Este artigo é parte de uma tese de doutorado que buscou analisar a articulação entre relações étnico-raciais, infâncias e estética negra a partir das informações obtidas por meio da observação participante realizada em marchas e encontros de valorização do cabelo crespo e da revisão da literatura da área. Com base em um arcabouço teórico-metodológico anticolonial, a infância foi situada como ponto de partida para se pensar as relações étnico-raciais em diáspora, a fim de vislumbrar novas produções epistemológicas, estéticas e políticas que se distanciem das elaborações subjetivas coloniais (CHAVEIRO; MINELLA, 2021).

Foram realizadas observações participantes durante o período de 2014 a 2019 em Marchas do Orgulho Crespo, Marchas do Empoderamento Crespo e Encontros de Crespas em nove capitais brasileiras (Salvador - BA, Rio de Janeiro - RJ, São Paulo - SP, Florianópolis - SC, Curitiba - PR, Porto Alegre - RS, Goiânia - GO, Mato Grosso - MT e Mato Grosso do Sul -MS).

Nesse percurso, fui percebendo alguns fatores que me chamaram atenção ao investigar as vivências de mulheres negras e seus cabelos crespos no período inicial da pesquisa de campo: 1) seus discursos frequentemente remetiam às suas memórias de infâncias como fundamentais para a construção de identidades étnico-raciais; 2) segundo seus relatos, ao ressignificarem a violência do alisamento compulsório (que frequentemente se inicia nos primeiros anos de vida), suas práticas em relação às crianças também eram repensadas estimulando o fortalecimento das raízes africanas para as próximas gerações.

Nesse sentido – na tentativa de evidenciar as construções subjetivas das mulheres crespas em uma perspectiva temporal do presente, visando suas elaborações durante os movimentos sociais – nos deparamos com a ênfase no passado por meio das narrativas de suas infâncias e bem como da sua responsabilização afro-afetiva voltada ao futuro das crianças negras. Assim, no decorrer dessa pesquisa de campo, paralelamente ao estudo das participantes adultas das Marchas, desenvolvemos análises e interpretações sobre a presença de crianças nas Marchas e nas oficinas embasadas na tradição da oralidade, nas quais são contadas histórias africanas pré-coloniais, contribuindo para a

elaboração da sua consciência histórica e política acerca dos saberes ancestrais africanos.

Neste artigo ressaltamos a importância de entendermos os processos peculiares de desenvolvimento e subjetivação de crianças negras. Isso porque, em uma sociedade racista, antes de se tornarem conscientes de suas potencialidades existenciais e de tudo que pode ser construído a partir de sua força ancestral, a primeira lição que as crianças negras têm aprendido é que não são brancas (FANON, 2008). Elas aprendem, ontologicamente, que não 'são'. Nesse sentido, consideramos que o racismo é sempre estrutural, ou seja, ele é um elemento que alicerça a organização econômica, política, social, cultural, religiosa, estética da sociedade brasileira (ALMEIDA, 2019)

As pessoas africanas foram descentradas de seus princípios civilizatórios pelos europeus e a perspectiva da afrocentricidade é propor uma reorientação na história ao "centrar" os valores, interesses e princípios africanos. Para Asante, a afrocentricidade é definida da seguinte forma:

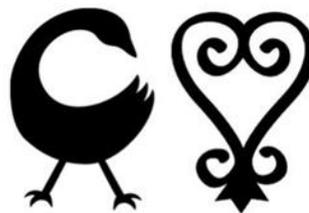
A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009, p. 93).

De acordo com Nilma Lino Gomes (2002, p. 41): "O corpo fala a respeito do nosso estar no mundo, pois a nossa localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo. Estamos diante de uma realidade dupla e dialética: ao mesmo tempo que é natural, o corpo é também simbólico". Isto porque, no ocidente, "o corpo é a pedra angular em que se funda a ordem social" (OYĒWÙMÍ, 1997, p. 02). Em comparação com sociedades africanas, o corpo tem uma grande relevância na sociedade ocidental em função da importância concedida ao sentido da visão. Assim, os corpos em suas diferentes características físicas permanecem em constante exposição em uma cultura que prioriza a visão em relação aos outros modos de sentir e perceber o mundo.

Infâncias e Sankofa: Perspectivas para o futuro

Nas marchas e encontros sobre cabelos crespos e identidades étnico-raciais, as cores e símbolos africanos em roupas, turbantes, pinturas corporais, penteados e acessórios são bastante usuais, compondo um cenário tão vívido, colorido e alegre, tal qual o próprio universo voltado às crianças. Dentre esses símbolos, podemos destacar o Adinkra² Sankofa (figura 01), o qual significa “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”, sendo simbolizado por um pássaro que está olhando para trás. Este Adinkra geralmente é mencionado nos movimentos sociais como representação da amálgama entre o passado e o futuro tendo como base a postura autoconsciente de negros e negras em relação às identidades étnico-raciais no presente. Assim, a fim de refletir sobre perspectivas futuras, apresentaremos um encontro entre três temas importantes para as resistências identitárias: Infâncias, Sankofa e Corporeidade através dos Cabelos Crespos.

Figura 01: Símbolos Adinkras Sankofa



Fonte: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/simbolos-adinkra/>.

Sabendo da importância dos valores civilizatórios e da filosofia africana para a reconstrução imagética e estética das pessoas negras, provavelmente o Adinkra Sankofa não tenha sido escolhido de maneira aleatória pelas organizadoras e designers dos eventos sobre valorização de crespos. Partindo desse suposto,

² De acordo com Kwame Anthony Appiah, filósofo e escritor anglo-ganês, os Adinkras refletem “a transmissão de um organismo complexo e nuanceado de práticas e crenças”. São símbolos que formam uma espécie de dicionário de valores com significados distintos que podem estar relacionados a provérbios, compondo um conjunto de ideias que, ao representar conceitos e aforismos, guia a ética e a política da comunidade. Fonte: <http://www.afreaka.com.br/notas/adinkra-um-dicionario-de-valores-na-arte-dos-carimbos/>.

consideramos que Sankofa vislumbra as consequências futuras das nossas ações no presente e que as perspectivas de futuro estão bastante relacionadas ao olhar ético das gerações mais novas.

As impressões da pesquisa de campo nesse aspecto, envolveram experiências de crianças e adultos se (re)encontrando nas marchas e encontros de crespas, enquanto vão sendo entrelaçados por meio dos contornos dos símbolos e significados de Sankofa. Em outros termos, os acessórios e turbantes com o *pássaro voltado para trás*³ teriam muito o que dizer nesse contexto: metaforicamente, o resgate das raízes crespas se embarça com o resgate das raízes históricas africanas. Nutrir a criança negra com as raízes de sua cultura de origem passa também pelo processo de restaurar as raízes dos seus cabelos crespos.

Na esteira da interpretação do Adinkra Sankofa, reconectar-se com o passado sustentado por memórias, histórias e estéticas da cultura africana é também ter a condição de alterar o futuro. Sendo assim, este pensamento pode conduzir à construção de caminhos, possíveis roteiros para reparação social e convergência de práticas alicerçadas por valores e sentidos estéticos africanos. Desse modo, interpretamos também que a caminhada em direção à consolidação de valores estéticos para enaltecimento dos crespos, só se tornou viável porque, anteriormente, um trabalho árduo em função do resgate do passado foi realizado pelos que vieram antes.

Em outras palavras, a organização de práticas antirracistas por movimentos negros nas décadas passadas, constitui a base para alterar o futuro. E este futuro das gerações passadas é compatível com o presente de orgulho e empoderamento crespo no Brasil. Por isso mesmo, concordamos com Nilma Lino Gomes, quando afirma: “Os espaços políticos dos movimentos sociais são, portanto, produtores de uma epistemologia tão legítima quanto a que é considerada hegemônica pela educação e pela teoria social” (2011, p. 137).

Nesta perspectiva, o pensamento anunciado com o símbolo Sankofa nos movimentos estético-políticos vislumbra recuperar e fortalecer memórias africanas no tecido social das identidades negras em diáspora com estéticas anticoloniais e

³ Símbolo de Sankofa.

saberes sobre infâncias. Desse modo, quando homens e mulheres adultas problematizam e ressignificam os alisamentos compulsórios que atravessaram suas vivências, retornam ao passado, possibilitando a construção de novos discursos e dispositivos teórico-políticos. Assim, pessoas que tiveram seus cabelos alisados desde crianças, são levadas coletivamente a questionar esse processo de embranquecimento subjetivo, construindo outras relações com os cabelos crespos, podendo deixá-los crescer, o que torna ainda mais visível a pluralidade étnica existente na sociedade brasileira.

Considerando que as identidades são fluidas, mutáveis e se encontram em constante elaboração (HALL, 2000), tanto adultos quanto crianças se conscientizam, de modo específico, mas ao mesmo tempo, simultâneo das identidades étnico-raciais de maneira relacional. O vínculo entre estas gerações produz um terreno fértil para produções plurais e contínuas das identidades raciais, a partir das diferenças existentes entre elas. Nas palavras de Stuart Hall:

É apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado "positivo" de qualquer termo - e, assim, sua "identidade" - pode ser construído (2000, p. 110).

Direcionando esta reflexão para o campo da estética negra, quando uma criança negra admira e se enxerga em uma pessoa adulta negra, esse olhar também fortalece a autoestima da pessoa adulta. Desejos e afetos são vias de mão dupla e componentes fundamentais para a constituição da afrosubjetividade (SOUZA, 1983). Em outros termos, partimos do suposto de que não é só a criança que necessita de referências e modelos para fortalecer aspectos de suas identidades, mas os adultos também têm suas identidades raciais reafirmadas a partir do olhar da criança negra nesta experiência.

Nesta perspectiva, entendemos que por meio dos contextos de valorização de cabelos crespos, os adultos podem estar integrando um sistema ético em afroperspectivas voltado ao coletivo (NOGUERA, 2012) e visando gerações futuras ao ter sua estética positivada a partir dos elogios e olhares dos mais novos, indo na contramão da invisibilidade de crianças negras em sociedades ocidentais e racistas. Em suma, pessoas negras em diáspora seguem conectadas por meio da

ancestralidade como processo de continuação da vida enquanto relação dinâmica entre passado, presente e futuro. O autor Muniz Sodré destaca o seguinte: “Diferente do tempo histórico, a temporalidade em que se inscreve o destino é própria da *ancestralidade*, isto é, da vigência ética do discurso de fundamentação do grupo, em que se enlaçam, origem e fim” (SODRÉ, 2017, p. 109).

Ao se reconciliar com sua estética e com sua trajetória de vida, adultos negros começam a se questionar a respeito de quais caminhos poderiam ter sido trilhados na ausência da estrutura racista na sociedade: e se não tivéssemos sido violentadas e mutiladas pelas escovinhas e produtos químicos desde a infância, quais futuros estaríamos criando? Por que os adultos de minha época não me protegeram do racismo? Como poderei proteger outras crianças negras tendo me tornado consciente da estrutura racista vigente na sociedade? Obviamente que adultos negros não podem materialmente voltar no tempo e alterar o passado, mas podem influenciar o futuro das crianças ao tomar consciência das opressões estruturais do racismo e reelaborar identidades étnico-raciais. Assim, é possível transformar realidades por meio de suas ações ao ser agente de transformação existencial e subjetiva para si mesmo e para outros negros (ASANTE, 2009). Em outros termos, Sankofa parece ser uma percepção futurista de mundo.

O contexto histórico atual se caracteriza pela intensa influência de novas tecnologias da informação e da comunicação as quais impulsionam profundas transformações em processos cognitivos (ASSMAN, 2000). Conseqüentemente, crianças do século XXI já nascem inseridas em tal cultura e instauram a tecnologia como suporte para suas relações sociais e elaboração de subjetividade, ampliando suas potencialidades humanas.

As crianças estão amplamente conectadas com sistemas de inovação. Nesta perspectiva, é importante integrar o campo da linguagem tecnológica e midiática à discussão sobre infâncias e relações étnico-raciais. É peculiar ao desenvolvimento infantil o alto potencial de aprendizagem por meio da percepção e transformação das dinâmicas espaço-temporais (NOGUERA, 2019).

Assim, as referências de imagem apresentadas às crianças negras, as quais são fundamentais para elaboração de uma autoimagem positivada e que propicie autoestima, tornam-se um dos princípios dos movimentos de valorização da estética negra. A partir da representação de pessoas negras associadas a

poder e em posição de liderança, sabedoria, riqueza material e espiritual são entrelaçados elementos para constituição de autoimagem e consciência racial em crianças negras conforme pode ser visto nas imagens⁴ a seguir:

Figura 02: Ensaio artístico fotográfico com crianças negras



Fonte: creativesoulphoto

É possível articular tais reflexões ao movimento conhecido como Afrofuturismo, o qual será elucidado na seção seguinte.

Afrofuturismo: o futuro é ancestral

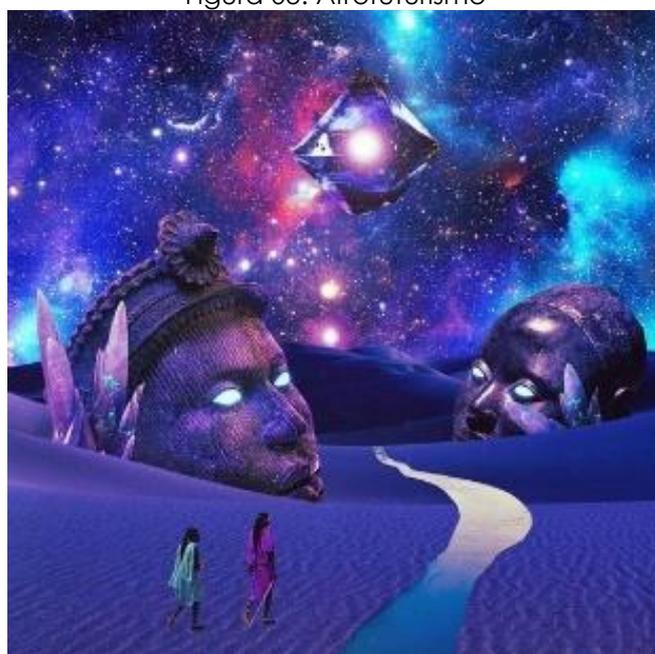
O Afrofuturismo pode ser considerado como um movimento estético, artístico e cultural que objetiva projetar possibilidades futuras de reconstrução subjetiva de pessoas negras (figura 52). É amplamente difundido por meio do cinema, música, fotografia, moda, artes plásticas, filosofia, literatura e busca romper com a lógica

⁴ Acesso em 22 de agosto de 2019.

ocidental e europeia ao localizar pessoas negras como protagonistas em narrativas anticoloniais.

Pode ser entendido como uma releitura ficcional da existência da população negra na ausência da diáspora africana, em que a imaginação conduz a reelaborações do passado vislumbrando possíveis futuros. Se propõe a criar alternativas ao colonialismo e racismo utilizando as novas tecnologias da informação e comunicação como recurso linguístico. A imagem a seguir é representativa desta tendência.

Figura 03: Afrofuturismo



Fonte: @Artxman

De acordo com Ana Paula Medeiros dos Santos, professora de História e Design e Marinês Ribeiro dos Santos, professora em Desenho Industrial (2018):

O Afrofuturismo nasceu em paralelo à efervescência da cultura beatnik nos Estados Unidos. A linguagem do movimento é construída pela junção do imaginário sobre artefatos tecnológicos futuristas e artefatos tradicionais de matriz africana, criando um estilo de ficção científica que trata dos problemas relacionados a questões de raça, classe e gênero no século XX e que também fala da ancestralidade africana (p. 169).

De acordo com Fabio Kabral⁵, escritor brasileiro, “afrofuturismo seria a mescla entre mitologias e tradições africanas com narrativas de fantasia e ficção científica, com o necessário protagonismo de personagens e autores negras e negros” (KABRAL, 2018).

Outros representantes do Afrofuturismo são: a escritora afro-estadunidense Octavia Butler (1947 – 2006); o músico, poeta e filósofo afro-estadunidense Sun Ra (1914 – 1993); o escritor e cineasta britânico-ganense Kodwo Eshun (nascido em 1967).

Embora o Afrofuturismo também possa ser entendido como algo intrínseco à própria existência e imaginação de pessoas negras (KABRAL, 2016), o termo só passou a ser utilizado no final do século passado: “a expressão afrofuturismo é cunhada no início da década de 1990 por Mark Dery para caracterizar as criações artísticas que exploram futuros possíveis para as populações negras por meio da ficção especulativa” (FREITAS & MESSIAS, 2018, p. 405). O autor Kodwo Eshun apresenta uma reflexão sobre este movimento:

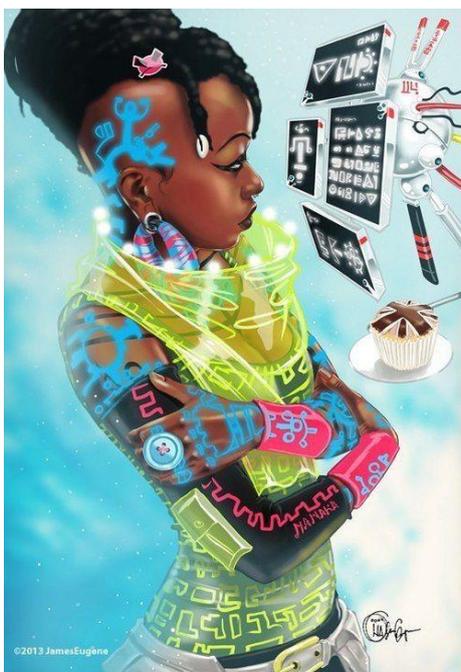
Para concluir: o afrofuturismo pode ser caracterizado como um programa para recuperar as histórias de contra-futuros criados em um século hostil à projeção afrodiaspórica e como um espaço dentro do qual o trabalho crítico deferramentas de fabricação capazes de intervenção dentro da atual dispensa política podem ser empreendidas. A fabricação, migração e mutaçãode conceitos e abordagens dentro dos campos do teórico e doficcional, o digital e o sonoro, o visual e o arquitetônico exemplificam o campo expandido do afrofuturismo considerado como um projeto multimídia distribuído entre nós, eixos, anéis e estrelas do Atlântico Negro (ESHUN, 2003, p. 301).

De acordo com o Afrofuturismo, a base para a crítica à invisibilidade e esvaziamento dos saberes e cosmologia africana estaria no próprio passado pré-colonial africano. Assim, as percepções de mundo e epistemologias africanas que antecederam o colonialismo, somadas a um projeto gráfico contextualizado no mundo de inovações tecnológicas podem contribuir para transformação de subjetividades embranquecidas. Conforme sugere a imagem seguinte (figura 04), interpretamos que no Afrofuturismo, a diáspora africana é examinada a partir da ótica insurgente da arte, da ficção científica e da tecnocultura, o que lhe concede

⁵ Fábio Kabral é escritor dos romances: Ritos de passagem (2014); O caçador cibernético da rua 13 (2017); A cientista guerreira do facão furioso (2019).

leveza e criatividade para explorar potencialidades de outros modos de existência frente à lógica racista.

Figura 04: Afrofuturismo e criança



Fonte: Ilustração James Eugene

Seguindo esse raciocínio, com a efervescência dos movimentos negros estéticos e políticos, as crianças negras da era digital e tecnológica estão em posição de vantagem, tanto para (re)conhecer seu passado de grandeza, quanto para explorar os mais diversos modos de criar suas próprias narrativas sensoriais, reformulando sua corporeidade como símbolo de identidade negra e futurista. Resignificamos o presente quando potencializamos outras formas de viver antirracistas que incentivem crianças a buscarem referências em seus próprios ancestrais africanos: “a história dos ancestrais africanos permanece inscrita nos corpos dos afrodescendentes.

É preciso ler o texto do corpo para vislumbrar nele a cosmovisão que dá sentido à história dos africanos afrodescendentes espalhados pelo planeta (OLIVEIRA, 2007, p. 101). Assim, o texto do corpo é também o texto do cabelo crespo, os quais no Afrofuturismo significa existir e (re)existir a partir da criatividade,

da arte e das cores (figura 05 abaixo), já que às crianças é permitido ousar um pouco mais em relação aos adultos. Isso porque, até mesmo o suposto não-lugar da infância em uma sociedade adultocêntrica⁶ permite que as crianças estejam um pouco mais isentas das convenções sociais.

Figura 05: Ensaio artístico fotográfico com crianças negras



Fonte: creativesoulphoto

⁶ A perspectiva adultocêntrica significa um olhar centrado nos adultos e que concebe a infância somente como uma fase de transição na qual as crianças absorvem regras e condutas necessárias para conviver em sociedade. Desse modo, as crianças são percebidas como inferiores em relação ao grupo dominante composto por pessoas adultas: "O adultocentrismo é um dos preconceitos mais naturalizados pela sociedade contemporânea. Ele atribui capacidades e fazeres às crianças para que se tornem adultas no futuro, desconsiderando os aspectos singulares da própria infância, tornando esse momento da vida apenas uma passagem, apenas um vir a ser, em que aprendemos a nos relacionar e a nos integrar à sociedade" (SANTIAGO; FARIA, 2015, p. 73).

O filme Pantera Negra (Black Panther), produzido pela Marvel Studios e lançado em 2018, é um exemplo de produção cinematográfica de Afrofuturismo o qual é inspirado nas páginas dos quadrinhos criado em meados da década de 1960. Esta obra de bastante sucesso entre crianças e adultos, mostra personagens negros em afroperspectiva compondo uma nação africana, Wakanda, a qual é a mais próspera e a mais tecnologicamente avançada do mundo (figura 06). O enredo do filme apresenta como protagonista um super-herói negro, além de muitas outras personagens negras esbanjando força, sabedoria e riqueza, reforçando, para crianças e adultos, a imagem de autonomia e poder da comunidade negra.

Desse modo, o filme foge da imagem estereotipada de subalternidade da raça negra e trabalha, por meio da linguagem cinematográfica afrofuturista, elementos acerca do conhecimento da história e autoconhecimento da ancestralidade negra que são fundamentais para a constituição de subjetividade na infância. Sendo assim, o filme apresenta interessantes reflexões sobre mitologia e cosmologia africana, elaborando críticas ao eurocentrismo e vislumbrando possibilidades futuras de existências anticoloniais.

Figura 06: Elenco do Filme Pantera Negra (Black Panther)



Fonte: Google Imagens

Dentre vários aspectos que demonstram o rompimento de padrões ocidentais estabelecidos, destacamos no filme a representação das *Dora Milaje* que compõem um serviço de inteligência e segurança da família real formado exclusivamente por mulheres guerreiras. A atuação das *Dora Milaje* promove

reflexões sobre estereótipos, pois, representam uma noção afrofuturista em que novas perspectivas estéticas podem ser vislumbradas. Refletindo sobre tais aspectos, podemos compreender que o filme recoloca elementos da estética africana, por exemplo, as mulheres guerreiras *Dora Milaje*, são, em sua maioria carecas (figura 07).

Portanto, baseado nas próprias experiências de mulheres africanas, o filme ressalta que os valores estéticos africanos são plurais e não estão dissociados de valores sociais. Em suma, uma dimensão estética afrofuturista, está para além da adesão ao cabelo crespo, mas possibilita reflexões acerca dos diversos modos de pensar, existir e de elaborar a autoimagem.

Figura 07: Guerreiras Dora Milaje, a guarda real de Wakanda, comandadas pela General Okoye (Atriz Danai Gurira).



Fonte: Ilustração Gabriela Landazuri / Imagem Walt Disney Pictures
https://www.huffpost.com/entry/opinion-broadnax-afrofuturism-black-panther_n_5a85f1b9e4b004fc31903b95.

Portanto, o Afrofuturismo inspira o ato de (re)criar novos olhares sobre o mundo e sobre nossos corpos. A '*Criação de Crespinhos*', expressão bastante comum nos contextos de movimentos sociais, pode se referir a criar métodos para que as crianças negras tenham condições de ter seus cabelos crespos livres do alisamento compulsório (xxxxx, xxxx) influenciado por seus responsáveis. Ou seja, a emergência dos cabelos crespos em crianças negras pelo Brasil está na contracorrente do projeto de embranquecimento.

O termo *Criação de Crespinhos* também pode ser interpretado com o sentido de educação e formação: criar uma criança negra é oferecer condições para que desenvolva plenamente suas potencialidades afrosubjetivas e distantes da colonização mental. Por fim, o termo *Criação de Crespinhos* pode também ser

visto como a construção de novas perspectivas subjetivas e sociais a partir da criatividade inspiradora de crianças negras.

Considerações Finais

Fortalecer a estética negra em crianças é uma poderosa estratégia de resistência política, pois o autoamor e uma visão positivada sobre si são ferramentas necessárias para a construção coletiva de emancipação sócio-cultural. Outro ponto pertinente é a potência criadora de crianças na articulação de novos fundamentos epistêmicos e estéticos para práticas contracoloniais, pois tendo menos tempo de vida na sociedade colonial e estruturalmente racista ainda não reproduzem acriticamente tantos estereótipos e preconceitos.

As análises acerca das relações entre estética negra e afrofuturismo apontaram para novos horizontes e possibilidades. E, situando as crianças negras como aliadas do Tempo, já podemos imaginar e vislumbrar futuros com novos valores existenciais para população negra em diáspora. Mesmo diante dos retrocessos observados não apenas no nosso país, como também em outros que vem reverenciando valores reacionários, acreditamos que seja possível que elas possam investir seu tempo de vida em construções de afrosubjetividade, ao invés de se adequarem apenas aos padrões estéticos eurocêntricos.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ASANTE, Molefi. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.
- ASSMAN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 5-13, mai./ ago. 2000.
- BURSÓN, José María Sánchez. La infancia en la Sociedad del Conocimiento. *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología e Sociedade*, v. 4, n. 11, p. 23-43, jul. 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-00132008000200003&lng=es&nrm=isso.
- CHAVEIRO, M. M. R. S. Cabelos Crespos em Movimento(s): Infância e Relações Étnico-Raciais. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, 2020.

CHAVEIRO, M. M. R. S., MINELLA, L. S. INFÂNCIAS DECOLONIAIS, INTERSECCIONALIDADES E DESOBEDIÊNCIAS EPISTÊMICAS. *Cadernos De Gênero E Diversidade*, 7(1), 99–117. DOI: <https://doi.org/10.9771/cgd.v7i1.43661>

ESHUN, Kodwo. Further Considerations on Afrofuturism. *CR: The New Centennial Review*, East Lansing, v. 3, n. 2, p. 287-302, 2003. Disponível em: <https://growingrootsnyc.files.wordpress.com/2012/05/eshun-further-considerations-onafrofuturism2.pdf>.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREITAS, Kenia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo – as distopias do presente. *Revista Imagofagia*, v. 17, p. 402-424, 2018.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 10, n. 18, p. 133-154, abr. 2011.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a Educação: Um Ensaio Filosófico Para uma Pedagogia da Pluriversalidade. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 93, p. 62-73, mai./ out. 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/7033/5556>.

NOGUERA, Renato. Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. No31: mai-out, 2019, p. 53-70.

OLIVEIRA, Eduardo de. *Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart. Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. *Revista Educação e Fronteiras*, Dourados, v. 5, n. 13, p. 72-85, jan./ abr. 2015.

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos; SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil. *Dobras*, v. 11, n. 23, p. 158-181, mai. 2018.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.